

SPORT CLUB BARRENSE: MEMÓRIAS DE UM CLUBE DE FUTEBOL AMADOR DO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DO NORTE/RS

Leonardo Costa da Cunha¹
Micheli Verginia Ghiggi²
Gustavo da Silva Freitas³
Méiri Rosane Santos da Silva⁴
Luiz Carlos Rigo⁵

Resumo: Este artigo trata das memórias do futebol amador, uma prática esportiva e cultural que possui relevância destacada em diferentes cidades do Brasil. O *corpus* empírico do estudo foi o Sport Club Barrense, um tradicional clube de futebol amador fundado em 1931, no pequeno município de São José do Norte. A metodologia utilizada para o estudo foi a História Oral. Assim, através de uma associação de fontes orais, registros escritos e fontes imagéticas (fotografias), construímos uma narrativa dos principais acontecimentos clubísticos constituintes da memória do S. C. Barrense.

Palavras-chave: Futebol amador; Memória; História Oral.

SPORT CLUB BARRENSE: MEMOIRS OF AN AMATEUR FOOTBALL CLUB OF THE CITY SÃO JOSÉ DO NORTE (RS)

Abstract: This article deals with the memories of amateur football, a sportive and cultural practice that has an outstanding relevance in different cities of Brazil. The empirical corpus of the study was the Sport Club Barrense, a traditional amateur football club founded in 1931, in the small city of São José

¹ Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Professor do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) e Professor do Município de Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: leocunha78@yahoo.com.br

² Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Professora Assistente da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Corumbá, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: michelighiggi@gmail.com

³ Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Aluno de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal de Rio Grande (FURG). Professor do Instituto de Educação da Universidade Federal de Rio Grande (FURG), Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: gsf78_ef@hotmail.com

⁴ Doutora em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (FURG), Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: meri.rosane@hotmail.com

⁵ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAM). Professor Associado da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e do Programa de Pós-graduação em Educação Física (ESEF/UFPel), Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: lcrigo@terra.com.br

do Norte. The methodology used for the study was Oral History. Thus, through a combination of oral sources, written records and imagistic sources (photographs), we built a narrative of the main happenings related to the club, constituents of the memory of S. C. Barrense.

Keywords: Amateur Football; Memory; Oral History.

1. Introdução

FIGURA 1 – Equipe do S. C. Barrense que venceu (pela primeira vez) o Campeonato Municipal de Futebol Amador do município de São José do Norte no ano de 1997.



Legenda: em pé: Ratinho, Gelson, Renato, Léo, Gravatá, Nequinho, Gica, Scott, Amélio, Paulo Cesar, Toninho, Marquinhos; agachados: Renê, Salort, Luizinho, Jujuca, Márcio, Lari, Gilsão, Jorge e Teddy. Deitado: Pandeiro

Fonte: arquivo do clube.

Este trabalho teve como objetivo analisar e narrar alguns acontecimentos sócio-históricos do Sport Club Barrense, clube de futebol

amador⁶ que pertence à comunidade da Povoação da Barra⁷, localidade que se encontra a 16 quilômetros do centro da cidade de São José do Norte, município do interior do estado do Rio Grande do Sul (Brasil) que está espremido entre a Lagoa dos Patos e o Oceano Atlântico e possui uma economia baseada no setor primário, agricultura, pesca e pecuária (MACHADO; RIVERA, 1992)⁸. Nos últimos anos, a produção de cebola tem sido a principal renda do município (MURADÁS, 2002)⁹.

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa referente às memórias do S. C. Barrense, desde a sua fundação, em 1931, até o ano de 2013. Assim, apoiando-nos em fontes documentais, fotografias e depoimentos orais, construímos uma narrativa que analisa as práticas futebolísticas desse clube, bem como as relações de pertencimentos que ele instituiu e mantém com a Povoação da Barra, comunidade em que está situado.

A escolha do S. C. Barrense como o corpus empírico para esse estudo deu-se por vários motivos, entre os quais destacamos: por ele ser um clube que sempre atribuiu uma grande importância ao futebol (mesmo no período em que o clube não participou do Campeonato Municipal ele sempre

⁶ O que estamos denominando por futebol amador pertence à “matriz comunitária” de futebol (DAMO, 2006) que, em algumas regiões, é chamado de futebol de várzea. Esse futebol também pode receber uma denominação mais específica de uma determinada cidade, como é o caso, por exemplo, do futebol da campanha, na cidade de Rio Grande/RS, e do futebol da colônia, que acontece na zona rural de Pelotas/RS (RIGO, 2010). Optamos por utilizar o termo futebol amador por ser este o conceito utilizado em São José do Norte, para se referir às práticas futebolísticas que envolvem o S. C. Barrense.

⁷ Apesar de atualmente se caracterizar como uma comunidade pesqueira, a Povoação da Barra possuía em décadas passadas diversas instituições que relegavam à localidade certa importância política. Até 1920, a localidade era administrada pela Marinha do Brasil, possuindo uma infraestrutura com ruas calçadas, água encanada, telefone, telégrafo e luz elétrica, o que não existia nem na cidade de São José do Norte. Além disso, ainda estavam lotadas na Povoação da Barra a Alfândega e a Praticagem (Praticagem da Barra do Porto do Rio Grande), que é o órgão responsável pela entrada e saída de navios do Porto do Rio Grande. Essa instituição foi oficializada pelo Governo Imperial em 1846, transferindo-se em 1941 para a cidade do Rio Grande (Registros da biblioteca pública Delfina da Cunha – São José do Norte – sem autoria).

⁸ MACHADO, Maria Elvira Silveira; RIVERA, Mara Rúbia Pinho (Org.). *São José do Norte: terra de águas claras e areias brancas*. Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Prefeitura Municipal de São José do Norte. São José do Norte, 1992.

⁹ MURADÁS, Jones. *A cultura da cebola no litoral centro do Rio Grande do Sul: análise de suas especificidades como subsídio para o desenvolvimento regional*. 2002. 176f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

manteve as suas equipes de futebol em atividade); pelo fato do Barrense ser o clube de futebol amador mais antigo em atividade no município de São José do Norte; pela proximidade que um dos autores da pesquisa possui com dirigentes e ex-dirigentes do clube, e com a comunidade da Povoação da Barra. A relação próxima com o clube e inclusive parental com a comunidade, facilitou tanto a constituição da rede de depoentes, bem como o acesso as fontes escritas do clube (documentos, fotografias, etc.).

2. Considerações metodológicas

Conforme observam autores como Lang (1998)¹⁰, Goellner (2007)¹¹ e Montenegro (2007¹², 2010¹³), o uso e a associação de diferentes fontes contribuem para alcançar uma análise histórica mais cuidadosa de um determinado acontecimento. Nesse sentido, realizamos nossa pesquisa consultando o Livro Caixa, o Livro de Sócios, o Livro de Atas do clube¹⁴, jornais¹⁵ – das cidades do Rio Grande e de São José do Norte – e fotografias do acervo do S. C. Barrense. Além disso, coletamos três depoimentos orais (LANG, 1998) com indivíduos que possuem um significativo pertencimento ao clube¹⁶. A utilização de fontes orais nos possibilita acessar as “tensões

¹⁰ LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo et al. *História Oral e pesquisa sociológica: a experiência do CERU*. São Paulo: Humanitas, 1998.

¹¹ GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres, memórias e histórias: reflexões sobre o fazer historiográfico. In: GOELLNER, S. V.; JAEGER, A. A. (Org.). *Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 13-26.

¹² MONTENEGRO, Antonio Torres. História e memória: combates pela história. *História oral*, v. 10, n. 1, p. 27-42, jan./jun. 2007.

¹³ MONTENEGRO, Antonio Torres, *História, metodologia, memória*. São Paulo: Contexto, 2010.

¹⁴ Livro de Atas do Sport Club Barrense, 1931 a 2009. A contagem das atas vai até o número 98, no entanto há duas atas com o número 46 e duas com o número 47. Há também duas atas sem numeração registradas, uma no dia 17 de outubro de 1948 e outra no dia 28 de outubro de 1958. Desse modo, o Livro totaliza 102 atas.

¹⁵ Folha do Norte, ano II, de 30 de dezembro de 1995; Folha do Norte, ano III, de 1º de novembro de 1996.

¹⁶ Altair Marques da Costa (Guega), 60 anos, (Povoação da Barra/S. J. do Norte, entrevista realizada em 10/12/2011). Envolveu-se com o clube desde muito jovem, ocupou vários cargos na diretoria, sendo presidente por cerca de 15 anos, mas nunca foi jogador. Luiz Roberto Novo Neves (Beto), 42 anos, (Povoação da Barra/S. J. do Norte, entrevista realizada em 11/12/2011). Acompanha o clube desde a infância, quando seu pai fazia parte da diretoria, já foi jogador e é membro da diretoria desde 2002. Luiz Costa da Silveira (Seu Luiz), 73 anos (São José do Norte, entrevista realizada em 16/12/2011). É filho de um dos

implícitas”, “os subentendidos”, as lacunas e as controvérsias que geralmente não estão explícitas em documentos e registros oficiais (BOSI, 2003)¹⁷.

3. A fundação do Sport Club Barrense: um clube da e para a comunidade

Aos dezoito dias do mez de outubro do ano de mil novecentos e trinta e um, reuniram-se os Sers: Oswaldo Farias, Pedro Laurentino da Silva, Álvaro Manuel da Silveira, Alfredo José Pinto e José Caldas Maciel, com o feito especial de fundarem um club de futbal, depois de discutido o assunto resolveram marcar uma sessão para propostas de sócios e eleger a diretoria. (Ata nº 1, de 18/10/1931).

Apesar de os registros oficiais apontarem 18 de outubro de 1931 como a data oficial da fundação do S. C. Barrense, na cultura oral local comenta-se que a sua criação remete a acontecimentos anteriores. Seu Guega, por exemplo, contou-nos: “dizem que o Barrense é muito mais antigo do que a data de 1931. Já havia o Barrense há muitos anos, só que nunca fundaram, nunca registraram” (Entrevista, GUEGA, 2011).

Após o encontro que consta na ata número 1, o mesmo grupo de “fundadores” reuniu-se novamente no dia 15 de novembro de 1931 para eleger a primeira diretoria do clube. Pelos escritos da ata de número 2, José Caldas Maciel foi escolhido pelos demais fundadores como o primeiro presidente do clube. Posteriormente, passou-se para a composição da primeira diretoria do clube, que ficou assim constituída:

Para o cargo de presidente o Sr: José Caldas Maciel; para thesoureiro o Sr: Alfredo José Pinto; para secretario o Sr: Carlos Moreira como primeiro, e para segundo secretario o Sr: Pedro Laurentino da Silva, para procurador o Sr: Luiz P. Vaz, como primeiro, e para segundo o Sr: Antonio A. Castro, para capitão o Sr: Oswaldo Farias, para guarda-sport o Sr. Álvaro Manoel da Silveira, para a comissão de contas os Sers:

fundadores do clube e foi jogador (goleiro) do clube durante vários anos. Atualmente mora em São José do Norte, mas continua comparecendo aos jogos do S. C. Barrense.

¹⁷ BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

Pedro Laurentino da Silva, Osmarino L. da Silveira, Pio F. da Costa. (Ata nº 2, de 15/11/1931).

Nessa mesma data, foi decidido o desenho da bandeira do clube e o verde e o branco como as cores oficiais. Tanto nos documentos que consultamos como entre os depoentes que entrevistamos, não encontramos nenhuma explicação referente a algumas influências que podem ter ocorrido na escolha das cores e da bandeira do clube.

O S. C. Barrense, assim como outros clubes de São José do Norte, principalmente os do interior do município, além do futebol sempre tiveram outras ações junto à comunidade, como bailes, desfiles, bingos, jantares e diversas formas de lazer e/ou entretenimento em sua sede.

Nos anos 1960, de acordo com os relatos de Guega (2011), o S. C. Barrense adquiriu uma eletrola¹⁸ e promovia bailes no Salão da Piedade¹⁹, já que a sede do clube na ocasião não tinha espaço suficiente para a realização de bailes.

Na década de 1970, a vida social parecia ser bastante ativa na sede do clube, já que a entidade realizava bailes, festas de carnaval e apresentava entre seus bens, de acordo com a documentação do clube, uma mesa de pingue-pongue, um jogo de dominó e duas mesas de bilhar, o que fazia da sede um espaço/tempo de entretenimento e sociabilidade entre os associados do S. C. Barrense.

Como discorre Rigo (2007)²⁰, quanto maior a intervenção cultural dos clubes nas comunidades, mais importância se dá para a sede. Nessa perspectiva, com o passar dos anos, a diretoria do S. C. Barrense ampliou a sede esportiva/social. “Aumentamos a sede e começaram os bailes, [...] era com vento, era com sol, tinha que ter” (Entrevista, GUEGA, 2011).

Seu Guega contou que, a partir dos anos 1980, o clube intensificou sua intervenção na comunidade, e o “pessoal se reunia todas as noites, ficavam ali jogando, participando das reuniões dançantes”. O clube era um ponto de

¹⁸ Aparelho que reproduz sons, composto por um toca-discos e um amplificador munido de alto-falante.

¹⁹ O salão social da Nossa Senhora da Piedade ficava ao lado do salão social da Irmandade da Nossa Senhora da Boa Viagem e era destinado à comunidade negra da localidade. Atualmente somente o Salão da Boa Viagem existe.

²⁰ RIGO, Luiz Carlos. Amizade, pertencimento e relações de poder no futebol de bairro. *Pensar a Prática*, v. 10, n. 1, p. 83-98, jan./jun. 2007.

encontro não somente para os moradores “[...] da Barra, mas também da Quinta e do Norte²¹. A sede lotava mesmo, sábado, domingo, se fizesse segunda, terça, sempre tinha povo” (Entrevista, GUEGA, 2011).

Contudo a ampliação do uso da sede do clube demandou novas regras de sociabilidade entre os frequentadores, como mostram os registros em atas. “O associado Sabino Coelho da Silva, fazendo uso da palavra relatou aos demais que determinados elementos que não vêm se portando corretamente não devem entrar após os mesmos serem retirados do recinto” (Ata n° 61, de 25/7/1981).

As confusões e brigas nos bailes passaram a ser mais frequentes. Assim, após uma reunião, ficou decidido que todos os elementos que frequentassem os bailes e as reuniões dançantes deveriam ser revistados. Além disso, foram criadas as funções dos responsáveis pelo setor de copas, de som, de portaria e fiscais de pista.

O aniversário do clube era uma comemoração característica. Em outubro de 1981, por exemplo, o clube comemorou o seu cinquentenário, com uma reunião dançante, um bolo e um torneio interno de futebol exclusivo para seus associados²².

Outro evento bastante característico nos anos 1980 e 1990 foram os concursos que o clube promovia para a escolha de suas rainhas e princesas, e a participação do clube na escolha da rainha do futebol amador de São José do Norte²³.

Durante a década de 1990, o clube continuou promovendo ações com um forte apelo da comunidade, contudo, com o aumento de alguns acontecimentos que envolviam violência e drogas e, a partir de 1996, com o término da pavimentação da estrada que liga a Povoação da Barra ao centro de São José do Norte, houve uma redução nas promoções esportivo-culturais realizadas pelo S. C. Barrense. Seu Guega, que era um dos principais

²¹ Quando o depoente faz uso dos termos Barra, Quinta e Norte ele está se referindo à Povoação da Barra, à Quinta Secção da Barra e a São José do Norte, respectivamente, já que é dessa maneira que os nativos mencionam os nomes desses lugares.

²² Ata n° 63, de 13/10/1981.

²³ A escolha da Rainha do Futebol Amador era um concurso em que participavam as rainhas de cada clube do município.

envolvidos com a parte social da entidade, ao falar sobre essas transformações no perfil do clube, comenta:

Tudo mudou, porque na época o pessoal vinha com a finalidade de dançar, de namorar, de se divertir, depois que apareceram as drogas a coisa foi mudando, no momento em que a estrada chegou o pessoal já foi indo pra São José do Norte e as brincadeiras começaram a diminuir a frequência e começaram as brigas por causa de drogas, então a gente resolveu acabar com as brincadeiras²⁴. Hoje não existe, lá uma vez que outra o clube faz um baile, quando faz. (Entrevista, GUEGA, 2011).

A relação que alguns clubes esportivos e recreativos tradicionais estabelecem com a comunidade transforma-os em uma referência do lugar. Em “agenciadores de sociabilidade” (RIGO, 2007, p. 90). No entanto determinados acontecimentos podem levar os clubes de bairros ou de comunidade a enfraquecer os vínculos de pertencimento que eles já constituíram com as suas respectivas comunidades. No caso do S. C. Barrense, conforme indicaram nossos três entrevistados, isso ocorreu principalmente pelo crescimento do uso das drogas, pelo aumento da violência e pela melhora no acesso da Comunidade da Barra ao centro do município de São José do Norte. Com o acesso facilitado, muitos moradores da comunidade passaram a frequentar outras opções de entretenimento e lazer no centro da cidade e diminuíram a sua participação na sede do S. C. Barrense.

4. S. C. Barrense em campo

O primeiro jogo do S. C. Barrense de que se tem registro aconteceu no ano de 1932, em uma festa esportiva organizada pelo clube entre o seu 1º e o 2º quadro. Apesar de não ter informado a data exata do jogo, a organização da festividade foi pauta da ata número 3, do dia 16 de junho de 1932. Nesse dia, foi discutido e programado o batizado e o hasteamento do pavilhão do clube. Feito isso, combinou-se a programação da festa, sendo resolvido que às 10 horas uma comissão ficaria responsável por ornamentar

²⁴ Brincadeiras como sinônimo de bailes, de festas.

o campo de jogo, às 14 horas seria realizado o jogo entre o 1º e o 2º quadros, sendo que este deveria terminar às 15 horas. Após a partida, os jogadores e as pessoas que assim o quisessem deveriam regressar à sede para uma confraternização, que foi festejada, como discorrem os registros do clube, com “uma dúzia de foguetes, 3 kg de doces, e uma dúzia de gasosa”²⁵ (Ata nº 3, de 16/6/1932).

A segunda partida registrada do S. C. Barrense e o primeiro jogo contra outra equipe aconteceu com o Cruzeiro, da vizinha localidade do Pontal da Barra. O jogo, realizado em 11 de setembro de 1932, terminou com a vitória do S. C. Barrense pelo placar de 2 a 1²⁶.

Após a realização de alguns jogos amistosos – de acordo com o Livro de Atas – o S. C. Barrense receberia um convite de São José do Norte para a participação do que viria a ser o seu primeiro torneio – já que essa foi a primeira menção de uma competição no Livro de Atas –, em que seria ofertada uma taça.

Levando ao conhecimento de todos o recebimento de um ofício de São José do Norte com data de 4-9-1933 depois de todos estarem sientes deu consentimento ao Srº secretário para fazer a leitura do dito ofício o qual convida o S. C. Barrense para disputar uma taça em torneio a 17 do corrente, com os seguintes clubes, Pontal Futebol Club, Lutador Gaucho, Barrense e G.S Juvenil Nortense. (Ata nº 17, de 9/9/1933).

De acordo com os depoentes e com as informações que aparecem nos registros no Livro de Atas, até os anos 1970 o S. C. Barrense disputava somente amistosos e torneios, sem participar do Campeonato Amador de Futebol do município de São José do Norte, que passou a ser promovido a partir de 1959²⁷.

²⁵ Gasosa s.f. Soda limonada. (Minidicionário LUFT, p. 401).

²⁶ Ata nº 4, de 11/9/1932. O Pontal da Barra fica a cerca de 7 km de distância da Povoação da Barra.

²⁷ Uma análise mais detalhada do Campeonato Amador de São José do Norte foi objeto de estudo da mesma pesquisa que deu origem a este artigo e pode ser encontrada na dissertação de mestrado “Entre a Laguna e o Oceano: Histórias de um Futebol”, de Leonardo Costa da Cunha (2012).

Os relatos de Seu Luiz (2011) contam que o clube combinava amistosos que geralmente aconteciam em duas partidas, ou seja, fazia a visita e depois recebia a visita, ou vice-versa. Guega (2011) corrobora com as informações sobre os jogos nesse período, lembrando que existiam muitos torneios e que quase todos os domingos tinham jogos amistosos.

Nesse período, o deslocamento do time e da torcida, devido às péssimas condições da estrada, era realizado em embarcações (botes) para as localidades mais próximas, como o Pontal da Barra, Cocuruto e até mesmo para São José do Norte. Já para as localidades mais distantes, como Bujuru²⁸, por exemplo, as excursões eram feitas de ônibus (pau de arara)²⁹ que se deslocavam pela beira da Praia do Mar Grosso, já que não existia uma estrada com condições de trafegabilidade (Entrevista, GUEGA, 2011).

5. O S. C. Barrense no campeonato amador de São José do Norte

A década de 1980 representa uma ruptura no perfil futebolístico do clube. Em 1981, o clube inscreveu-se, pela primeira vez, para disputar o campeonato amador de São José do Norte, que vinha sendo realizado desde 1959. Nas primeiras participações na competição, o S. C. Barrense montou equipes praticamente só com jogadores da comunidade ou com algum jogador de fora, desde que possuísse relação parental ou de amizade com moradores da comunidade, mantendo, assim, um vínculo direto entre os jogadores e a comunidade da Barra.

Para o campeonato de 1983, principalmente pelo fato de alguns jogadores do clube terem outros compromissos, como a pescaria³⁰, que dificultava a participação em todos os jogos, a diretoria resolveu “fichar”³¹

²⁸ Bujuru está a uma distância de aproximadamente 80 km da Povoação da Barra, Cocuruto a 10 km, São José do Norte a 16 km e Pontal da Barra a 7 km.

²⁹ Ônibus feitos com uma carroceria de caminhão e abertos nas laterais, tendo somente lonas que poderiam ser puxadas quando necessário. Os acentos eram bancos de madeira ao comprido, que iam de uma lateral a outra do veículo.

³⁰ A pesca não é uma atividade com rotina preestabelecida de dias e horários, estando os pescadores sujeitos às condições naturais, o que impossibilitava, por vezes, de alguns jogadores comparecerem aos jogos, desfalcando o time.

³¹ O termo fichar é muito comum no futebol amador e diz respeito a uma ficha que o jogador assina antes do campeonato, ficando tal jogador vinculado ao clube durante toda a competição.

jogadores de fora da comunidade. Mas decidiu-se que esses jogadores de fora não receberiam para jogar pelo Barrense, fato que já ocorria em outros clubes que disputavam o Campeonato Municipal³². De acordo com Guega (2011), o clube se responsabilizava pelo deslocamento dos jogadores até a Povoação da Barra e ofertava lanche após as partidas e mais tarde passou a arcar também com equipamentos de jogo, como chuteiras e luvas para os goleiros.

Apesar de o S. C. Barrense participar do Campeonato Municipal de São José do Norte desde 1981, nos anos 1980 ele não figurou entre os clubes ganhadores de títulos no futebol amador nortense. Essa posição irá se alterar após a década de 1990, período em que o clube amplia e intensifica a busca por jogadores de fora da comunidade da Barra para disputar o Campeonato Municipal.

Em 1995, o Barrense consegue se classificar pela primeira vez para disputar uma final dessa competição. O adversário é o G. E. Beira-Mar, clube pertencente à comunidade da Quinta Secção da Barra, outra localidade da zona rural do Município de São José do Norte que fica próxima à Povoação da Barra. Depois de dois empates, o Barrense perdeu o terceiro e decisivo jogo da final para o Beira-Mar.

A presença das duas equipes na decisão do campeonato de 1995 causou tamanha surpresa nos desportistas nortenses que o radialista e cronista esportivo Oswaldir Santos classificou o acontecimento como uma “raridade”, e salientou que “outra decisão entre os dois clubes da Barra dificilmente voltará a acontecer” (FOLHA DO NORTE, 1º nov. 1996, p. 11)³³.

Já em 1997, o S. C. Barrense chega novamente à final, contra o Esporte Clube Bujuru, e dessa vez torna-se campeão do Campeonato Municipal de Futebol Amador de São José do Norte (Figura 1). Posteriormente, em 2002, o clube se torna bicampeão, vencendo a equipe do Esporte Clube Passinho, e

³² Ata n° 66, de 20/02/1983.

³³ Quando se refere à clubes da Barra o cronista faz menção ao Barrense da Povoação da Barra e ao Beira-Mar da Quinta Secção da Barra. Cabe destacar que se trata de duas comunidades distintas, mas, por serem próximas, muitas pessoas referem-se a ambas como comunidade da Barra, principalmente pela proximidade territorial existente entre elas.

no ano seguinte, 2003, vence na final o Liberal Foot Ball Club, conseguindo seu terceiro título³⁴.

Contrariando o prognóstico feito por Oswaldir Santos em 1996, os títulos de 2004 e 2010 – o tetra e o pentacampeonato – foram conquistados sobre o G. E. Beira-Mar. Além dessas duas finais, o S. C. Barrense foi derrotado pelo G. E. Beira-Mar em três outras finais: em 1995, 2008 e 2009.

Considerando até a edição do campeonato do ano de 2013, o Barrense está com 7 títulos, enquanto o Beira-Mar vem logo atrás com 6 conquistas. Barrense venceu em 1997, 2002, 2003, 2004, 2010, 2012 e 2013 e o Beira-Mar em 1995, 2005, 2006, 2008, 2009, 2011. Além de Barrense e Beira-Mar, os outros clubes que venceram o Campeonato Municipal foram: Liberal F. C. (1959, 1960, 1962, 1967, 1991, 1993, 1994, 1996, 1998, 2001); Bento Gonçalves F. C. (1974, 1976, 1980, 1981, 1984, 1985, 1988, 1990); E. C. Oriente (1961, 1964, 1968, 1970, 1971, 1975); E. C. Bujuru (1965, 1969, 1983, 1999); E. C. Ari Barroso (1979, 1986, 1987, 1989); Ferrari F. C. (1963, 1966); E. C. Divisa (1973, 1982); G. E. Cocuruto (1972); E. C. Guarani (1977); E. C. Tamandaré (1978); A. E. Varzense (2000); E. C. Fortaleza (2007)³⁵.

O número de títulos de Barrense e Beira-Mar é um sinal da rivalidade e intensidade da disputa existente entre os dois clubes na atualidade pela hegemonia no futebol amador nortense. Boa parte da tradição oral e também da crônica esportiva local apontam para o Barrense e para o Beira-Mar como as duas maiores potências do futebol amador da cidade, dos últimos anos.

A transição – de um clube que tinha como meta participar dos campeonatos para um clube que passou a conquistar títulos – começa a acontecer a partir do momento em que o clube decide investir em trazer jogadores oriundos de outras regiões de São José do Norte e também da cidade do Rio Grande. Assim, com essa decisão, o S. C. Barrense deixa de ser um clube voltado prioritariamente para participação esportiva e cultural da sua comunidade da Povoação da Barra para se tornar um clube que figura

³⁴ O E. C. Bujuru é da localidade de Bujuru, o E. C. Passinho pertence à localidade do Passinho, e o Liberal F. B. C. é da cidade de São José do Norte.

³⁵ Registros do Departamento Municipal de Esportes de São José do Norte.

entre os favoritos a vencer o Campeonato Municipal de Futebol Amador de São José do Norte.

6. Rivalidade: S. C. Barrense x G. E. Beira-Mar

Acho absolutamente insólita a relação entre as torcidas de Beira-Mar e Barrense. Para minha humilde interpretação, soa como filhos da mesma mãe e pai, brigando pra provar quem é o mais amado, num conflito absolutamente irracional, [...] nenhuma torcida admite ver no outro algum virtuosismo. O que é mais estranho ainda é ver que duas localidades tão próximas geograficamente falando possam estar a léguas separadas pelo fanatismo futebolístico. Existe uma nuance quase literária nisto tudo. Parece saga secular de famílias que imperam absolutas em terras disputadas, mas que invariavelmente têm suas diferenças abrandadas com a união de seus filhos. Eu sei que muitos torcedores do Beira-Mar possuem laços consanguíneos com torcedores do Barrense, mas vejo que nem isso serve para evitar os histerismos, ainda mais em decisão de campeonato. Sinceramente, isto está longe do meu entendimento... E faço meu palpite para a decisão: só que por questão de amor ao meu corpo, prefiro omitir... (SANTOS, 1995, p. 2).³⁶

O texto supracitado, elaborado por uma leitora do jornal nortense, refere-se à primeira vez que Beira-Mar e Barrense se enfrentaram em uma final do campeonato municipal, em 1995. O texto deixa transparecer a opinião de uma pessoa comum sobre os sentimentos clubísticos presentes naquela decisão.

Como discorre Damo (2002, p. 12)³⁷, “torcer é o mesmo que pertencer, o que significa, literalmente, fazer parte, tomar partido, assumir certos riscos e vivenciar excitações agradáveis ou frustrações”. Apesar das considerações desse autor estarem mais direcionadas para o futebol profissional, clubes que possuem milhares de torcedores, a passagem do

³⁶ SANTOS, Ana Clara Tissot dos. Trovoada em pleno sol. *Folha do Norte*, São José do Norte, 30 dez. 1995, Opinião, p. 2.

³⁷ DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

jornal indica que no futebol amador de São José do Norte esses sentimentos de pertencimento também estão presentes:

Neste jogo, mais do que os clubes propriamente ditos, está o amor próprio, a rivalidade acalentada há longos anos por duas comunidades que vivem juntas, mas que não comungam dos mesmos gostos, dos mesmos desejos, dos mesmos pensamentos. (FOLHA DO NORTE, 30 dez. 1995, p. 15).

A construção dessa rivalidade, que ultrapassa os clubes e incide sobre a comunidade da Povoação da Barra e da Quinta Secção da Barra³⁸, resulta de uma tradição futebolística que remonta à década de 1930, período de fundação dos dois clubes – o G. E. Beira-Mar foi fundado em 26 de outubro de 1938, e o S. C. Barrense, em 18 de outubro de 1931. De acordo com os registros em ata, os dois clubes enfrentam-se pela primeira vez dois meses após a fundação do Beira-Mar³⁹; voltam a se enfrentar em 11 de junho de 1939⁴⁰ e, posteriormente, em 20 de agosto de 1939⁴¹.

Forjada na década de 1930, essa rivalidade passou por diferentes estados: “na época do meu avô, do teu avô, quem era Beira-Mar não entrava na sede do Barrense e quem era Barrense não entrava na sede do Beira-Mar” (Entrevista, BETO, 2011).

O relato de Guega também destaca as mudanças de significado pelas quais passou essa rivalidade ao longo do tempo.

Hoje não tem tanto, a rivalidade antigamente era bem maior, o jogo ia ser as 3 da tarde a 1 da tarde já estavam brigando as mulheres do Beira-Mar com as do Barrense, e vice-versa. Eu me recordo muito bem que o pessoal já vinha cedo pra ver o jogo da preliminar e o pessoal com barracas vendendo e, ó já deu briga lá por causa disso, por causa daquilo. Hoje não existe mais isso aí, não tem tanta rivalidade como tinha antigamente. (Entrevista, GUEGA, 2011).

³⁸ As duas comunidades são muito próximas uma da outra, distantes cerca de 800 metros e possuem características bastante parecidas, pois ambas são comunidades de pescadores, possuem um único clube de futebol e promovem festas religiosas, tendo cada comunidade o seu/sua padroeiro(a), sendo a Nossa Senhora da Boa Viagem na Povoação da Barra e São Pedro na Quinta Secção da Barra.

³⁹ Ata n° 28, 28 dez. 1938.

⁴⁰ Ata n° 30, 7 jun. 1939.

⁴¹ Ata n° 33, 15 ago. 1939.

Apesar de os depoentes fazerem menção a conflitos e brigas como algo do passado, há registros que indicam que eles também aconteceram em tempos não tão distantes. De acordo com relatos informais, os anos 1990 ficaram marcados por grandes confusões e brigas generalizadas entre jogadores e torcedores, como mostra, por exemplo, o fragmento que segue retirado da súmula de um árbitro de uma partida válida pelo campeonato de 1991.

O jogo ficou paralisado aos 15 min. do segundo tempo sendo invadido pela torcida do Barrense, sendo que um torcedor do Barrense estava armado dentro do campo fazendo ameaças para mim e aos jogadores do Beira-Mar. [...] aos 23 minutos do segundo tempo o massagista do Barrense invadiu o campo sem minha autorização e dei o cartão vermelho, sendo que o resto da torcida do Barrense invadiu novamente o campo, sendo o jogo encerrado por mim aos 23 min. do segundo tempo.⁴²

Os exemplos de acontecimentos hostis que acompanham a história dessa rivalidade corroboram com o alerta feito por DaMatta (1994)⁴³, quando ele salienta que, concomitante às paixões, o futebol também pode despertar violências incontidas.

Além de destacar que Barrense e Beira-Mar constitui-se na “maior rivalidade do futebol nortense”, Beto (2011) acrescentou que esse confronto atua como um incentivo para que todos os anos os dois clubes procurem fazer melhores equipes para disputar o campeonato.

Tu começa a montar um time e tu vai conversar com um torcedor, e ele já vai te dizer ó, mas o Beira-Mar tem o fulano e o fulano, o time deles é bom. Um vive praticamente em função do outro, tu quer fazer um time forte porque depois tu é cobrado, durante o jogo, depois do jogo, o torcedor te cobra. (Entrevista, BETO, 2011).

⁴² Súmula do jogo entre G. E. Beira-Mar e S. C. Barrense, do dia 28 de julho de 1991, válido pela quarta rodada do segundo turno, da primeira fase do campeonato municipal.

⁴³ DAMATTA, R. Antropologia do óbvio. *Revista USP*, Dossiê 22 Futebol, n. 22, p. 10-17, jun./ago. 1994.

Enfim, essa rivalidade que se constituiu ao longo de décadas entre S. C. Barrense e G.E Beira-Mar, assim como outras rivalidades do futebol moderno, é produzida e revigorada de diferentes maneiras. Desse modo, como publicou o jornal Folha do Norte (30 dez. 1995, p. 15), “só convivendo é possível entender as razões que a própria razão desconhece”.

7. A gestão de um clube amador/vencedor

Hoje em dia, se tu quiseres chegar, tu tens que investir, tem que pagar jogadores. O Barrense começou a mudar essa mentalidade no início de 90, 93, 94, 95, foi quando o Barrense conseguiu chegar à primeira final. O Barrense não chegava porque não investia, era só jogadores da casa, todo mundo jogava de graça. Não chegava nunca, porque tinha o Bento⁴⁴ que investia, que pagava, tinha Bujuru, tinha o próprio Liberal, Pontalense⁴⁵, o próprio Cocuruto que trazia aqueles caras da Vila Santa Tereza,⁴⁶ que conseguiam chegar, o Barrense não investia, então não chegava. Então a partir de 94, 95, começou a mudar, começou aquele negócio, se a gente quiser ganhar alguma coisa vamos ter que começar a investir, vamos ter que começar a pagar, e daí em diante o Barrense começou a chegar, pode notar que de 95 pra cá, todos os anos que o Barrense disputa é semifinalista, finalista ou é campeão, sempre chegando. (Entrevista, BETO, 2011).

Em seu depoimento, Beto também salientou que a participação no campeonato já demanda despesas para o clube e se não conquistar títulos o torcedor começa a se desestimular. A presença do torcedor está relacionada com a campanha do clube; se for um time vencedor, a comunidade comparece aos jogos e apoia. Mas se “tu passa a não ganhar o cara começa a não te ajudar mais” (Entrevista, BETO, 2011).

Guega parece concordar com essa perspectiva, pois destacou:

Porque nós vamos entrar no campeonato só pra ter despesa?
Nós vamos entrar no campeonato pra vencer, pra entrar no

⁴⁴ O Bento Gonçalves Futebol Clube é um time da cidade de São José do Norte e dominou grande parte dos campeonatos nos anos 1980.

⁴⁵ O Esporte Clube União Pontalense era um clube da localidade do Pontal da Barra, distante cerca de 7 km da Povoação da Barra e 9 km da cidade de São José do Norte.

⁴⁶ Bairro da cidade do Rio Grande que fica às margens da Laguna dos Patos, em frente à localidade do Cocuruto, que fica às margens da Laguna pelo lado de São José do Norte.

campeonato pra vencer nos vamos ter que gastar mais um pouquinho. Fazendo o quê? Trazendo jogadores, vendo o que eles vão pedir, se temos condições de pagar, vamos atrás de alguém que colabore, porque o clube mesmo em si não tem condições. Foi aí que nós conseguimos conquistar títulos. (Entrevista, GUEGA, 2011).

Desse modo, a partir da década de 1990, como foi relatado pelos dois depoentes, a diretoria do Barrense começou a seguir essa filosofia de trazer jogadores remunerados de fora da comunidade para montar equipes com possibilidade de disputar e vencer o Campeonato Municipal Amador. Mas essa aposta somente teve sucesso porque foi encampada pela comunidade da Barra, como Beto (2011), em passagens de seu depoimento:

É complicado, porque é muita despesa. Então tu contas com a colaboração do torcedor, tu vai num, vai noutro. Pra tu ter uma ideia, se tu for jogar em Bujuru o ônibus te cobra 700 reais. Todo final de semana é um quebra-cabeça como é que tu vai fazer pra pagar essa despesa. A arbitragem num final de semana é em torno de 300, 320 reais. Então assim ó, é bem difícil. Quando tu monta um time bom, que o pessoal acha que vai chegar, o pessoal vai te ajudando, mas é só assim. E se tu faz um time pra disputar o campeonato e tu não chega a final, no mínimo a semifinal, tu toma um prejuízo de no mínimo cinco mil reais, cinco, seis mil. Se tu chegar à final, independente de tu ser campeão ou não, tu paga ônibus, bebida, jogador, a loja de esportes. (Entrevista, BETO, 2011).

O relato acima ilustra o desafio que é administrar um clube de futebol de uma comunidade de pescadores que nos últimos anos optou por montar equipes com condições de disputar o título do Campeonato Municipal.

Para se manter e tentar viabilizar esse projeto, além do ingresso que é cobrado na entrada do campo em dias de jogos, que variam entre três e cinco reais, dependendo da fase da competição, o clube aposta em doações feitas pela comunidade. Segundo Beto (2011), há alguns membros da comunidade que mensalmente repassam algum dinheiro: “uns davam 10 reais, outros davam 15, tinha aí uns quatro ou cinco que davam 50 por mês, a

maioria é 10 pila⁴⁷ que os cara dão por mês, 10, 15, no máximo 15". (Entrevista, BETO, 2011).

Nos últimos anos o S. C. Barrense tem montado suas equipes predominantemente com jogadores de fora da comunidade. Apesar de reconhecer como fundamental trazer jogadores de fora, Beto (2011) comentou em seu depoimento que o clube tem que ficar muito atento nas escolhas que faz, caso contrário corre o risco de "fichar um bom jogador mas que não tem comprometimento nenhum e acaba te incomodando o ano todo e não te dá a resposta" (Entrevista, BETO, 2011).

No que diz respeito à remuneração, Beto (2011) comentou que atualmente não há mais nenhum jogador que jogue de graça, pelo menos no S. C. Barrense. Segundo o depoente, há muitos anos que isso não acontece, com exceção dos jogadores do segundo quadro (aspirantes). O valor a ser pago varia de jogador para jogador, e em geral o pagamento é feito por jogo. Além disso, para a maioria dos jogadores o clube tem que pagar algum valor antes do campeonato, como forma de firmar um compromisso.

Beto (2011) comentou-nos que nos últimos anos a remuneração paga pelo S. C. Barrense vem girando em torno de um mínimo de R\$ 35,00 e o máximo de R\$ 70,00 reais por jogo, dependendo da qualidade técnica do jogador. No planejamento para o campeonato de 2010, o clube calculou uma média de R\$ 50,00 reais por jogador a cada partida durante a temporada. Considerando que nos últimos certames os finalistas jogavam cerca de 20 jogos, o clube planejou pagar em média mil reais para cada jogador pelo campeonato inteiro.

Com esse investimento, o clube gasta a cada jogo em casa em torno de R\$ 1.100,00, cerca de R\$ 750,00 a R\$ 800,00 com os jogadores e R\$ 320,00 com a arbitragem. Além disso, ainda há o gasto com lanches e bebidas para os jogadores. Beto (2011) relatou-nos que o custo total do clube durante o campeonato de 2010 girou em torno de 25 mil reais.

8. Transformações na cidade, na comunidade e no clube

⁴⁷ Relativo a dinheiro: 10 pila é o mesmo que 10 reais.

Durante o estudo, visualizamos uma série de mudanças na paisagem⁴⁸ referente às relações que o futebol e o S. C. Barrense mantiveram com a comunidade da Barra, e vice-versa. Entre as transformações sócio-futebolísticas que se destacaram estão a opção que o clube fez em contratar jogadores de fora da comunidade – principalmente a partir da década de 1990 – e as transformações no papel e nos significados que o S. C. Barrense passou a desempenhar e a representar para a comunidade da Povoação da Barra.

Sobre a decisão de não trazer jogadores de fora da comunidade da Povoação da Barra, Guega (2011) observou como ocorria em outros tempos:

Eram 20 ou 30 pra cada lado, não eram 11. Hoje, se for fazer um time da comunidade, dizer assim ó, o Barrense hoje vai jogar só com gente do lugar, até consegue, mas vai tomar uma goleada não sei de quanto, porque não tem aqueles jogadores de que realmente se necessita. (Entrevista, GUEGA, 2011).

Beto (2011) corrobora a ideia anterior e ressalta que atualmente os jovens passaram a ter outros atrativos, diminuindo o interesse pelo futebol.

Qualquer canto tinha um campinho com 15, 20 guri jogando futebol, hoje tu não vê mais isso aí. Aqui na Barra mesmo naquele campo ali na frente da antiga sede do Barrense todo dia tinha futebol ali e tava sempre lotado, chegava a fazer três times, hoje tu não vê mais isso. Eu não sei se é por causa da internet que hoje a gurizada fica na internet, tem videogame e a gurizada não participa. (Entrevista, BETO, 2011).

Os dois depoimentos anteriores indicam que, comparado a outros tempos, atualmente o futebol deixou de ser a opção de lazer quase exclusiva para a maioria dos jovens do sexo masculino da comunidade da Povoação

⁴⁸ De acordo com Milton Santos (1988, p. 61), “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formado apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.”.

da Barra, o que contribuiu para que houvesse uma diminuição do número de jogadores na comunidade.

Sobre as mudanças que ocorreram no papel desempenhado pelo S. C. Barrense na comunidade, que atualmente tem se dedicado mais ao futebol e menos a outras ações socioculturais de lazer e entretenimento, como fez em outras épocas, nossos depoentes salientaram que houve uma diminuição no interesse da comunidade nas promoções que o clube fazia em sua sede, como os bailes, as festas etc. De acordo com os entrevistados, em parte esse desinteresse foi influenciado pela pavimentação da estrada que liga a Povoação da Barra ao centro de São José do Norte e por um maior acesso às novas tecnologias domésticas (internet, TV a cabo etc.) entre os moradores da Povoação da Barra. Como assinala Milton Santos (1988)⁴⁹, com os impulsos da urbanização, o espaço habitado, tanto na zona rural como nos centros urbanos, torna-se um espaço cada vez mais instrumentalizado, culturizado e tecnificado.

Assim, como uma consequência de um processo de mutações socioculturais e não apenas como uma decisão unilateral que partiu exclusivamente do clube, o S. C. Barrense reduziu o leque de sua intervenção na comunidade da Povoação da Barra, priorizando a formação de equipes de futebol.

Desse modo, seguindo as pistas indicadas por nossos depoentes, e a distinção entre “paisagem funcional” e “paisagem estrutural” apresentada por Milton Santos (1988), é possível dizer que as mudanças ocorridas nas relações entre a Povoação da Barra com o futebol ou, mais especificamente com o S. C. Barrense, foram mudanças mais de caráter “funcional” do que “estrutural”, pois as paisagens futebolísticas do S. C. Barrense (seu o campo e sua sede), bem como outros campinhos de “pelada”⁵⁰ (PIMENTA, 2009;

⁴⁹ SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.

⁵⁰ De acordo com Pimenta (2009, p. 2), “a ‘pelada’ caracteriza-se principalmente pela espontaneidade na organização dos jogos – mormente realizados entre amigos ou vizinhos e moradores de um mesmo bairro”. Sobre a “pelada” (bricolagem), nas palavras de Damo (2006, p. 9), “joga-se com o que se dispõe, adequando-se as regras e os recursos materiais”.

DAMO, 2006)⁵¹⁻⁵², continuam presentes na comunidade da Povoação da Barra.

Um reflexo dessas mudanças que ocorreram na comunidade, no S. C. Barrense e no futebol foi a redução do número de torcedores junto aos campos de futebol amador e nos jogos do Barrense: “Na minha opinião, vai menos público ao campo do que antigamente” (Entrevista, GUEGA, 2011).

Beto (2011) corrobora a avaliação de Guega e acrescenta alguns elementos que ajudam a melhor compreender determinadas transformações:

Os tempos são outros né, tu não tinha outro tipo de lazer, agora tem a questão da televisão, do próprio campeonato brasileiro, que às vezes tem jogos da dupla Gre-Nal, daí já tira um pouco de gente do campo. Mas eu acredito que naquela época poderia ir mais gente porque como era o pessoal só do lugar, daí ia todo mundo. (Entrevista, BETO, 2011).

A versão explicitada pelos depoentes também é compartilhada por boa parte da comunidade e faz parte das conversas informais nos mais variados espaços da localidade. Desse modo, é possível afirmar que a maior parte das mutações que ocorreram no S. C. Barrense e nas relações que o clube instituiu com a comunidade da Povoação da Barra foi influenciada ou mesmo decorrente das transformações urbanísticas e histórico-culturais que ocorreram na comunidade da Barra e também no futebol amador de São José do Norte, que passou a priorizar o Campeonato Municipal e a valorizar os clubes vencedores dessa competição, deixando em segundo plano os jogos amistosos e os torneios.

9. Considerações finais

⁵¹ PIMENTA, Rosângela. Futebol amador na cidade e no sertão: o jogo das regras e a dinâmica figuracional elisiana. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR – CIVILIZAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 12., 2009, Recife. *Anais...* Recife: UFPB, 2009.

⁵² DAMO, Arlei Sander. *Senso de jogo*. 2006. Disponível em: <<http://www.lazer.eefd.ufrj.br/epsoc/pdf/es103.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2011.

Até meados de 1980, o S. C. Barrense caracterizava-se como um clube comunitário, que priorizava jogos amistosos e torneiros. A partir de 1981, o clube passou a disputar o Campeonato Municipal, e até início dos anos 1990 com equipes constituídas quase exclusivamente por jogadores da comunidade. Nesse período, além do futebol, o clube também promovia outras ações de lazer e entretenimento que possuíam uma significativa relevância na comunidade, como bailes, desfile, festas, jogos recreativos na sede, bingos etc.

Depois de mais de uma década disputando o Campeonato Municipal como um clube coadjuvante (sem disputar nenhuma final), a partir de 1995 o clube muda a sua filosofia futebolística e passa a constituir equipes com jogadores de fora da Povoação da Barra, que recebem para jogar. Com essa decisão, o S. C. Barrense passa a figurar entre os clubes vencedores do Campeonato Municipal, conquistando o título de sete edições: 1997, 2002, 2003, 2004, 2010, 2012 e 2013.

Apesar disso, mesmo sendo um clube vencedor no futebol, há um enfraquecimento das outras atividades culturais e de entretenimento promovidas pelo S. C. Barrense. Todavia não se pode afirmar que há alguma relação direta entre a mudança efetuada na filosofia futebolística do clube e o enfraquecimento das outras atividades, principalmente porque há uma diminuição do interesse de parte da própria comunidade pelas atividades que o clube anteriormente realizava. Desse modo, tem-se a impressão de que as principais mudanças que ocorreram nos vínculos do S. C. Barrense com a comunidade da Povoação da Barra resulta de um processo de transformações urbanísticas (progresso) e socioculturais, que vem ocorrendo em todo o município de São José do Norte.

Nesse sentido, a partir da década de 1990 há uma reinvenção do próprio S. C. Barrense, que passa a priorizar a formação de equipe de futebol com jogador de fora da comunidade, com o objetivo de disputar e vencer o Campeonato Amador. Assim, o S. C. Barrense começa a forjar outros vínculos de pertencimentos e passa a representar outros significados para a comunidade da Barra. Apesar de não ser mais um clube em que as equipes de futebol são constituídas por moradores do local, a maior parte da

comunidade da Povoação da Barra continua torcendo e identificando-se com ele. Muitos moradores da comunidade contribuem financeiramente para que o clube traga bom jogadores (remunerados) de fora para vencer o Campeonato Municipal Amador. Isso mostra que o clube continua constituindo intensos vínculos com a comunidade na qual ele está inserido, e continua sendo um fragmento da própria comunidade (RIGO, 2007).

Por fim, à guisa de conclusão, procede salientar que não foi objetivo deste estudo fazer qualquer crítica valorativa às transformações identificadas na história do S. C. Barrense. O que se procurou analisar e narrar foram as distintas formas de pertencimento clubístico presentes nas memórias do S. C. Barrense, um clube de futebol amador localizado em um longínqua comunidade de pescadores, fundado em 1931.

FIGURA 2 – Equipe do S. C. Barrense em 1978.



Legenda: em pé: Elieser, Chico, Mosinho, Cico, Camarão e Léo; agachados: Cilinha, Flávio, Baco, Tioti e Zé. As meninas são Flávia Reyes da Costa e Simone Costa da Cunha

Fonte: Arquivo do clube.

Recebido em 04.02.2014
Aprovado em 20.03.2014